

LEITURA DO MUNDO E IMAGINAÇÃO MATERIAL DA PALAVRA: Freire e Bachelard como interlocutores

Pablo Silva Machado Bispo dos Santos¹

Waldeck Carneiro²

Flávia Monteiro de Barros Araujo³

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo estabelecer pontos de confluência entre o pensamento de Paulo Freire e de Gaston Bachelard em torno de duas categorias centrais: “leitura do mundo” e “imaginação material da palavra”. Por meio de pesquisa bibliográfica, as ideias dos dois filósofos, notadamente o método de alfabetização de Freire e a epistemologia dialética de Bachelard, são articuladas pelas noções de “consciência”, “imaginação material” e “racionalismo”. O estudo permite concluir que as formulações de Freire, em consonância com o quadro conceitual de Bachelard, ultrapassam a mera aplicação de modelos didáticos prontos e acabados, pois enfatizam a (re)construção da visão de mundo dos educandos, a partir do estímulo à imaginação material desses sujeitos, o que potencializa sua emancipação, baseada em processos de conscientização, crítica e mudança da realidade em que estão inseridos.

Palavras-chave: Imaginação Material da Palavra; Leitura do Mundo; Paulo Freire; Gaston Bachelard.

READING THE WORLD AND MATERIAL IMAGINATION OF THE WORD: Freire and Bachelard as interlocutors

¹ Professor associado da Faculdade de Educação (UFF) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (FEUFF). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9398557494803815>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1582-8519>. Contato: psmb Santos@gmail.com

² Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFF). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4129978776761994>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1325-1757>.

³ Professora adjunta da Faculdade de Educação (UFF) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (FEUFF). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8539546140860614>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3451-1664>. Contato: fmbaraujo@hotmail.com

ABSTRACT

This article aims to establish points of confluence between the thoughts of Paulo Freire and Gaston Bachelard around two central categories: “reading of the world” and “material imagination of the word”. Through bibliographical research, the ideas of the two philosophers, notably Freire's literacy method and Bachelard's dialectical epistemology, are articulated by the notions of “consciousness”, “material imagination” and “rationalism”. The study allows us to conclude that Freire's formulations, in line with Bachelard's conceptual framework, go beyond the mere application of ready-made didactic models, as they emphasize the (re)construction of students' worldview, through stimulating their imagination. material of these subjects, which enhances their emancipation, based on processes of awareness, criticism and change in the reality in which they are inserted.

Keywords: Material Imagination of the Word; World Reading; Paulo Freire; Gaston Bachelard.

LECTURA DEL MUNDO E IMAGINACIÓN MATERIAL DE LA PALABRA: Freire y Bachelard como interlocutores

RESUMEN

Este artículo pretende establecer puntos de confluencia entre el pensamiento de Paulo Freire y Gastón Bachelard en torno a dos categorías centrales: “lectura del mundo” y “imaginación material de la palabra”. A través de la investigación bibliográfica, las ideas de los dos filósofos, en particular el método de alfabetización de Freire y la epistemología dialéctica de Bachelard, se articulan mediante las nociones de “conciencia”, “imaginación material” y “racionalismo”. El estudio permite concluir que las formulaciones de Freire, en línea con el marco conceptual de Bachelard, van más allá de la mera aplicación de modelos didácticos ya elaborados, pues enfatizan la (re)construcción de la cosmovisión de los estudiantes, a través de la estimulación de su imaginación. sujetos, que potencia su emancipación, a partir de procesos de toma de conciencia, crítica y cambio en la realidad en la que se insertan.

Palabras clave: Imaginación Material de la Palabra; Lectura mundial; Paulo Freire; Gaston Bachelard.

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda interfaces possíveis entre Paulo Freire e Gaston Bachelard, colocando em evidência, por um lado, a noção de leitura do mundo, forjada pelo pensador pernambucano, autor do *best-seller*

“Pedagogia do oprimido” (FREIRE, 1974), e, por outro lado, a noção de imaginação material, concebida pelo epistemólogo francês, autor do clássico “O novo espírito científico” (BACHELARD, 1996), originalmente publicado em 1934.

Restituímos aqui uma parte das análises que temos empreendido, buscando enfatizar uma dimensão original do estudo da filosofia de Paulo Freire, qual seja, o potencial de entrelaçamento entre certos aspectos de sua construção teórica com alguns elementos do pensamento de Gaston Bachelard. Com base em pesquisa bibliográfica, lançamos mão tanto de fontes primárias, a saber, escritos dos dois autores que inspiram este trabalho, quanto de fontes secundárias, aqui entendidas como textos de autores que interpretam e comentam as ideias de Freire ou de Bachelard.

Trataremos da poética freireana, presente no seu método de alfabetização, notadamente do conceito de leitura do mundo, que será examinado em cotejo com parte da teoria bachelardiana, em especial quando o importante pensador francês desenvolve as noções de imaginação material e racionalismo, aplicando-as a sua obra. Nas palavras de Bulcão (2003):

A obra de Bachelard se bifurca em duas vertentes que embora sejam perguntavam inversas, são, por outro lado, complementares. De um lado, o filósofo segue a vertente da epistemologia na qual procura mostrar a novidade que caracteriza a ciência contemporânea; de outro se dedica à vertente poética, inaugurando, através desta uma nova concepção de imaginação. Alguns colegas ou estudantes ao mestre se essa bipolaridade não poderia tornar sua obra contraditória e comprometer, assim, a unidade do seu pensamento. Bachelard respondia, então, com o sarcasmo e o humor que eram características marcantes no filósofo (BULCÃO, 2003, p. 12).

Nesse sentido, cabe ressaltar que mais do que mera comparação, pretendemos neste texto indicar como a noção de leitura do mundo em Freire pode ser recepcionada em aspectos da filosofia de Bachelard, tanto nos seus estudos de caráter literário (BACHELARD, 1999), como em partes de sua obra

que abordam elementos de caráter científico ou epistemológico (BACHELARD, 1974; BACHELARD, 1996; BACHELARD, 2000).

Assim, temos a pretensão de oferecer, ainda que introdutoriamente, contribuições a possíveis ressignificações das dimensões teórica e política da obra desses dois grandes autores do século XX (embora Bachelard tenha nascido no século XIX). Para tanto, organizamos a sequência deste trabalho, após a introdução, da seguinte forma: a) breve apresentação dos pensadores; b) tratamento dos conceitos de poética, imaginação material, consciência e leitura do mundo; c) conexões entre alfabetização e leitura do mundo: abordagem das categorias imaginação material da palavra e racionalismo, aplicadas à alfabetização; d) considerações finais, tidas como trilhas ainda a percorrer.

BREVES NOTAS BIOGRÁFICAS SOBRE PAULO FREIRE E GASTON BACHELARD

Sobre Paulo Freire (1921-1997), o mais proeminente intelectual da educação brasileira, existem biografias detalhadas e qualificadas, que aprofundam, de modo próximo à completude, a trajetória daquele intelectual, desde sua infância até o ano de sua morte, sem deixar de abordar os impactos da vida e da obra de Paulo Freire, no Brasil e no mundo (GADOTTI, 1996; FREIRE, 2006; HADDAD, 2019). Por isso, nos limites deste artigo, tendo feito referência a essas três biografias, preferimos trazer alguns elementos de sua trajetória e, sobretudo, de seu pensamento que explicam, em boa medida, as razões da forte perseguição que sofreu, em diferentes momentos históricos.

Em 1963, coordenando uma equipe do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, Freire alcançou a proeza de alfabetizar 300 cortadores de cana, no município de Angicos (Rio Grande do Norte), em tempo recorde. Além da rapidez com que o trabalho se desenvolveu, chamou a atenção o fato de que se tratava de um processo de educação e de conscientização, ou seja, muito mais do que a apropriação da leitura e da escrita. Tal experiência teve tanta repercussão, que o próprio presidente João

Goulart fez questão de comparecer à solenidade de encerramento, ocasião em que convidou Paulo Freire para desenvolvê-la em escala nacional. Surgia assim o Programa Nacional de Alfabetização (PNA), concebido por Freire, que se baseava na implantação de dezenas de milhares de círculos de cultura, espalhados pelo país, com foco na erradicação do analfabetismo a partir de processos de contextualização das condições de vida dos alfabetizandos (HADDAD, 2019).

Paulo Freire enfrentou ameaças e opressões porque buscou, baseado em uma pedagogia popular, politicamente contextualizada, superar o quadro de profundas desigualdades que ameaçavam a própria sobrevivência das famílias extremamente empobrecidas das classes populares.

Por isso, os opressores sempre temeram - e seguem temendo - as ideias de Paulo Freire. Fascistas de ontem e de hoje costumam destilar ódio na relação com seus adversários. Freire, em vez do ódio, sempre defendeu uma concepção de educação lastreada em amorosidade. Autoritários de plantão afirmam a violência e a intolerância em face dos que lhes contradizem. Freire, em vez da violência e da intolerância, enfatizou o diálogo como mediação do processo educativo e o respeito às diferenças como elemento central da educação emancipadora. Totalitários de diferentes matizes sempre andam *pari passu* com a exclusão e o elitismo. Freire, ao contrário, afirmava a igualdade e a fraternidade como princípios indispensáveis à construção de um mundo justo e solidário. Ditadores civis ou militares tentam fazer crer que a história é uma fatalidade, sucessão de fatos lineares e inevitáveis. Freire, em oposição a tal concepção, entende a história, não como realidade instituída, mas como processualidade instituinte, forjada em conflitos, contradições, avanços, recuos, logo, suscetível a mudanças conjunturais e estruturais.

Com efeito, por se dirigir prioritariamente aos “esfarrapados do mundo”, a quem o autor literalmente dedica a sua obra magna (FREIRE, 1974), conclamando-os a se conscientizar, se organizar e lutar por seus direitos, mediados por uma educação entendida como “prática da liberdade”, Freire sempre foi visto como ameaça aos que pretendem dominar pela força,

pelo grito, pela intimidação. Mais ainda porque Freire deixa claro que a liberdade é processo coletivo: “ninguém liberta ninguém; ninguém se liberta sozinho; os homens se libertam em comunhão”. Trata-se de chamamento para as lutas coletivas, o que se opõe frontalmente ao desejo dos opressores, que, para perpetuar sua dominação, preferem sujeitos alienados, desorganizados e aculturados na lógica da competitividade e do individualismo (CARNEIRO, 2021).

De fato, uma de suas grandes motivações para o relevante trabalho de educação popular que desenvolveu - e que o notabilizou - foi o combate ao analfabetismo, partindo de sua preocupação genuína com a situação cultural e economicamente precária das populações rurais do sertão nordestino. Tal preocupação leva Freire a desenvolver um método próprio de alfabetização, calcado na concretude do cotidiano e na vinculação entre as atividades laborais desenvolvidas pelos alunos (trabalhadores rurais e operários, entre os segmentos mais comuns) e as palavras mais necessárias ao desenvolvimento e à comunicação sobre aquelas atividades. Subjacente ao método, ou melhor, como elemento integrante do método, estava a ideia de que, a partir da capacidade de tornar o universo da escrita algo que fizesse sentido para os trabalhadores, seria possível promover uma conscientização quanto a sua situação e seu lugar no mundo. Esse processo tenderia a culminar na emancipação existencial, cultural e social daqueles sujeitos (FREIRE, 1967).

O método de alfabetização desenvolvido por Freire, que, para além de uma metodologia forjada em um conjunto de procedimentos, era uma perspectiva epistemológica sobre a relação dos alfabetizandos com o processo de construção do conhecimento, se baseava no vocabulário cotidiano dos trabalhadores, de modo a favorecer a contextualização da sua realidade. Isso era operado de forma dialógica, em círculos culturais, de maneira que as palavras ensinadas fossem debatidas e situadas no contexto sociocultural dos sujeitos aprendentes, que eram assim levados a pensar nas questões sociais relacionadas ao seu trabalho. Nessa linha, as palavras eram aprendidas e, ao mesmo tempo, as discussões fomentavam o interesse pela descoberta de novos vocábulos e pela ampliação da capacidade de leitura e escrita daqueles

sujeitos, alargando de forma rápida e consistente o universo vocabular dos educandos e aprofundando seu processo de conscientização sobre o contexto em que viviam (HADDAD, 2019).

O método Paulo Freire assentava-se, portanto, em uma perspectiva concreta de alfabetização, lidando com os alunos a partir de suas peculiaridades e características econômicas, sociais e culturais. É justamente esta vertente que, conforme veremos mais adiante, aproxima o método de alfabetização desenvolvido por Freire da noção de imaginação material elaborada por Bachelard.

Gaston Bachelard (1884-1962) nasceu na cidade de Bar-sur-Aube, na região francesa do Grande Leste, cuja vocação econômica sempre esteve muito mais voltada para o trabalho braçal na agricultura do que para o desenvolvimento científico ou literário. Sua origem social se situa no âmbito da classe trabalhadora camponesa, o que sem dúvida contribuiu para que sua formação acadêmica se desenvolvesse tardiamente. Bachelard tornou-se professor de física em sua cidade natal, em caráter oficial, apenas em 1924, quando já contava quarenta anos de idade, embora já viesse lecionando ao longo de sua formação nas ciências naturais e em filosofia. Em 1928, publicou seu primeiro livro, fruto de sua tese de doutoramento, cujo título é “Ensaio sobre o conhecimento aproximado”(BACHELARD, 2004b).

A partir de 1930, passou a ministrar aulas na Universidade de Dijon, atividade docente que exerceu por aproximadamente dez anos. Em 1940, Bachelard se tornou professor na renomada Sorbonne, chegando a ocupar a cátedra de Filosofia da Ciência, onde permaneceu até o ano de 1954. No ano seguinte, passou a integrar a Academia Francesa das Ciências Morais e Políticas, vindo a receber, em 1961, o Prêmio Nacional das Letras devido ao sucesso atingido por seu livro intitulado "O novo espírito científico". Em 1962, Gaston Bachelard faleceu em Paris (BACHELARD, 1996; SANTOS, 2021).

A notória influência de Bachelard como filósofo contemporâneo tem, como uma razão forte, sua visão particular da filosofia das ciências naturais, aspecto que se torna bastante claro em seu livro “O pluralismo coerente da química moderna” (BACHELARD, 2009). Defensor de uma pedagogia científica

que incorpore o erro como elemento do processo de aprendizagem, igualmente traz par as ciências em geral a noção de corte epistemológico, que se daria no momento da aplicação da teoria à realidade concreta, tomando-se como referência a necessidade de delimitação precisa do objeto investigado. Seja em relação à dialética da relação erro e acerto no trabalho pedagógico, seja no tocante à epistemologia e à filosofia da ciência, as sementes bachelardianas foram muito férteis.

Na pedagogia brasileira contemporânea, por exemplo, podemos ressaltar a potência de uma vertente de pesquisa que, no campo específico da avaliação, está firmemente ancorada na relação dialética entre as noções de “já saber”, “não saber” e “ainda não saber”, de modo a relativizar processos categóricos, lineares e positivistas nas práticas avaliativas, uma vez que o erro não é algo completamente descartável, pois pode conter elementos de acerto que denotam um processo de aprendizagem em construção (ESTEBAN, 2013).

De igual modo, na história e na epistemologia das ciências, obras clássicas assimilam categorias formuladas por Bachelard, tais como corte epistemológico, paradigma e ruptura paradigmática. É exatamente o caso do livro “A estrutura das revoluções científicas” (KUHN, 2013), originalmente publicado em 1962, ano da morte de Gaston Bachelard. A propósito, não são poucos os estudos que exploram os vários pontos de confluência entre Bachelard e Kuhn, como os trabalhos de Martins (1998) e de Melo (2021).

Em seu livro “O racionalismo aplicado” (BACHELARD, 1974), é possível perceber que o autor discute a artificialidade da ruptura entre sujeito e objeto, bem como entre racionalismo e empirismo, propondo uma crítica radical ao objetivismo, que considera os dados mensuráveis como realidade estanque e indiscutível, bem como ao subjetivismo, muito mais inclinado, segundo Bachelard (1974), para a ficção e para a literatura do que para a ciência.

Porém, para além dos estudos sobre epistemologia das ciências, importa também lançar olhares sobre a vertente da obra bachelardiana que trata da literatura, da poética e do inconsciente. Na esteira do grande

psiquiatra e psicoterapeuta suíço Karl Gustav Jung (1875-1961), Bachelard aprofunda estudos sobre o inconsciente a partir da análise de muitas obras literárias e das imagens metafóricas nelas presentes. Assim, no âmbito deste texto, dar-se-á atenção especial à noção de imaginação material, que será explorada naquilo que tal categoria comporta como potencial de diálogo com a obra de Paulo Freire, especialmente no que diz respeito ao método de alfabetização construído pelo Patrono da Educação Brasileira.

POÉTICA, IMAGINAÇÃO MATERIAL, CONSCIÊNCIA E LEITURA DO MUNDO: APROPRIAÇÕES CONCEITUAIS EM BACHELARD E FREIRE

A imaginação material é muito mais do que uma noção isolada na obra de Gaston Bachelard, posto que está diretamente vinculada a uma discussão central feita pelo epistemólogo francês sobre a vontade e a capacidade humana de transformar a matéria. Nesse mesmo viés de análise, Rea (2009) assevera:

Bachelard (2006) distingue a imaginação formal, intelectualmente fundamentada na visão, da imaginação material, tributária da mão. Baseada na vontade e no poder de transformação, a imaginação material por ele postulada atua na manipulação da matéria. É, desse modo, uma atividade que se submete à vontade criativa do homem. E é essa manipulação que, em parte, permite um ponto de intersecção entre ciência e arte. Pois, ainda que inicialmente por ele consideradas “opostos complementares”, a aproximação se dá pelo fato de ambas instituírem o sujeito demiurgo, seja pela via artesanal, seja pela onírica. A imaginação material, portanto, atua pela resistência e pela operatividade da mão em confronto com a materialidade do mundo, entendido como provocação concreta. Ao demandar a intervenção do homem, a matéria torna-se oportunidade para realização e incentivo à própria imaginação. Em outras palavras, a imaginação produz imagens e se configura nessas imagens (REA, 2009, p. 51).

Ao seguir esta linha de raciocínio, subentende-se que a imaginação material tem a ver com a possibilidade de o indivíduo construir sua subjetividade a partir dos quatro elementos alquímicos ou, se preferirmos, naturais, a saber: terra, água, ar e fogo. Para Bachelard, a imaginação

material consiste na potência criadora do indivíduo quando trazida para o plano da matéria. Como decorrência, o plano concreto é como se fosse o primeiro filtro da psique⁴, que toma contato com a realidade sensorial, por intermédio dos cinco sentidos, e a transforma em um dos elementos primordiais das metáforas de entendimento da realidade. Deste modo, a imaginação material é mais do que a mera recordação de fatos pretéritos captados pelos sentidos; ela é primordialmente uma capacidade dialética de relação entre a subjetividade humana e o mundo concreto. Este processo, ao mesmo tempo analítico e sintético, verdadeira alquimia operada entre percepção subjetiva e (re)elaboração objetiva, se desenrola a partir da capacidade humana de construir imagens mentais, que tenham como base os quatro elementos naturais (REA, 2009; SANTOS, 2021).

Indo mais fundo na análise, de modo a estabelecer uma analogia entre os quatro elementos primordiais e as potências criadoras da imaginação, é possível afirmar que cada elemento constitui um tipo de capacidade psíquica e de estado subjetivo. Nessa lógica associativa, de acordo com o eminente pensador francês, o elemento fogo pode então ser associado a desejo, vontade e iniciativa, bem como ao surgimento do processo criador - a metáfora da luz ou de uma lâmpada a expressar o surgimento de uma ideia nova é ilustrativa da imaginação material do fogo. Ou seja, a imagem material induz o sujeito a devaneios que o levam a estados subjetivos ligados à dinâmica do elemento em apreço (BACHELARD, 2004a; BACHELARD, 2004b).

No tocante à imaginação material da água, a sensibilidade, a intuição e a capacidade de se emocionar é o que se correlaciona às metáforas do elemento água, de sorte que as imagens materiais desse elemento natural (o sangue, as lágrimas, o suor, entre outras) remetem a estados emocionais derivados de uma imaginação material condizente com o elemento fluido (BACHELARD, 2002).

⁴Numa apropriação multidimensional da realidade, os planos concreto, psíquico e social possuem diversas instâncias ou filtros, capazes de condicionar o olhar do indivíduo que interage com o mundo, que é percebido e (re)estruturado no âmbito individual (SANTOS, 2013).

Em relação à imaginação material do elemento ar, temos o foco de interesse privilegiado no presente trabalho, devido à forte conexão entre dois aspectos associados à dinâmica da imaginação material do ar. Em primeiro lugar, as imagens relativas à palavra, o que entendemos ser a base do processo de alfabetização e do diálogo propriamente dito, aspectos que, em uma abordagem freireana, se converteram em eixos centrais de grande parte de sua obra. Trazemos aqui dois exemplos: o primeiro deles diz respeito a uma citação bíblica: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Ele desde o início”⁵. Nessa citação, está presente a milenar ideia de que o Verbo, vale dizer, a Palavra está envolvida na origem e na formação do cosmos.

O segundo exemplo diz respeito à associação imagética entre os sons e o ar, contida na expressão popular “palavras ao vento”, cujo sentido expressa um discurso vazio de elementos significativos para quem ouve, ainda que rico em palavras. Ora, é exatamente contra esse discurso desprovido de sentido para os alfabetizandos que Paulo Freire forja a sua “pedagogia do oprimido” e o seu método de alfabetização baseado em palavras geradoras de significado para os sujeitos daquele processo.

Em segundo lugar, importa sublinhar outra dimensão relacionada à imaginação material do ar, que tem a ver com a associação desse elemento aos aspectos subjetivos da racionalidade, da capacidade analítica e da formulação de juízo sobre um tema, um fenômeno ou uma realidade. A expressão corrente que se refere à atribuição de “ares de verdade” a uma frase, um discurso ou um conceito pode ilustrar essa dimensão da imagem material do ar. O cancionário popular no Brasil eternizou uma composição intitulada “Ar de moço bom”, que narra a tentativa de conquista de uma moça por um rapaz que, precisamente, tenta se apresentar ao alvo de seu desejo com “ar” de bom moço. Em outra variante, pode-se recorrer à expressão “pegar no ar” no sentido de apreender rápido uma ideia: o aluno “pegou no ar” a explicação da professora, o que expressa rapidez de raciocínio.

⁵João 1:1-2. In: **Bíblia Sagrada**. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

Ao tratar da terra em sua obra “A terra e os devaneios do repouso”(BACHELARD, 2002), o pai da epistemologia contemporânea promove uma associação às imagens de concretude, firmeza e conclusão de um determinado empreendimento. Daí serem comuns remissões a este elemento a partir de expressões, tais como “fincar os alicerces”, “pisar chão”, “manter os pés na terra”, além de metáforas como “edificar”, “consolidar” e “solidificar”, frequentemente empregadas para tratar de eventos, atividades, projetos, missões ou tarefas, inclusive no campo das ciências humanas e sociais.

Após esta sumária abordagem relativa aos quatro elementos e a sua imaginação material, cabe observar que esta, ao ser exprimida, é definida por uma linguagem própria, muitas vezes desprovida de literalidade. Essa linguagem estabelece nexos de ligação para além da lógica formal, por meio de critérios e lógica próprios. Assim, da mesma maneira que é possível conceber para o discurso uma perspectiva baseada nas regras da lógica formal (LEFEBVRE, 1975), deve-se ter em mente que a imaginação material em Bachelard estabelece uma relação entre as metáforas associadas a cada elemento, que tem como fio condutor a poética, aqui assemelhada a uma lógica que não se baseia em padrões ou regras formais. Se quisermos classificá-la, poderíamos tratá-la como poética do imaginário (ARAÚJO; TEIXEIRA, 2009).

Em outras palavras, a poética tem como *arché* o significado metafórico das imagens materiais, encadeadas por discursos alegóricos que produzem no interlocutor efeitos diversos, que vão desde a aderência a uma causa até a indução de raciocínios complexos. Assim, a poética bachelardiana permite que as imagens materiais sejam transmitidas e recriadas, incluindo as imagens fundamentais da intimidade e das primeiras percepções subjetivas. Essa episteme fica claramente perceptível na obra “A poética do espaço” (BACHELARD, 2004a) em que o autor indica que as metáforas da casa, do

relógio e da estrada nada mais são do que a imaginação material da intimidade, do tempo e do espaço, respectivamente.⁶

IMAGINAÇÃO MATERIAL DA PALAVRA: FREIRE E BACHELARD DIALOGAM

A noção de consciência na obra de Paulo Freire tem um significado bastante peculiar. Ao invés de se referir a uma capacidade mental intrassubjetiva, esta categoria remete à percepção do indivíduo sobre o mundo em que vive, sempre em uma perspectiva relacional, pois, para Freire, o processo de conscientização está diretamente ligado a dinâmicas relacionais, ou seja, a experiências de interação social estabelecidas entre os sujeitos. Seguindo esta interpretação, temos em Freire três estágios de desenvolvimento da consciência: a) *consciência ingênua*: caracterizada pela desconexão do indivíduo - sempre concebido como parte de uma coletividade - com o tempo histórico e a condição concreta de vida que lhe é inerente, predominando em seu imaginário e em suas bases racionais o pensamento mágico ou alienado, incapaz de estabelecer nexos causais entre os fenômenos, especialmente no tocante ao contexto social e político; b) *consciência transitiva*: nesse estágio, apesar de o indivíduo manifestar saberes relativos à atualidade científica e à mecânica da natureza, no âmbito moral, social e político predominam a heteronomia e a aceitação acrítica das relações entre dominantes e dominados; c) *consciência crítica*: caracterizada pela predominância do pensamento racional e pelo entendimento do contexto histórico e cultural em que o indivíduo se situa, bem como pela capacidade de analisar de forma crítica e realista as relações de dominação existentes na sociedade (FREIRE, 1967; FREIRE, 1974).

De forma a trazer para o diálogo desenvolvido no presente artigo elementos comuns entre Freire e Bachelard, tornou-se necessário apresentar

⁶No livro *Paulo Freire e o nacionalismo desenvolvimentista*, Paiva (1980) nos adverte sobre o título da campanha de alfabetização deflagrada em Natal (RN), no ano de 1961, na gestão do prefeito Djalma Maranhão: “De pé no chão também se aprende a ler”. Eis uma metáfora que remete, ao mesmo tempo, à imaginação material do ar (o aprendizado) e à condição concreta da classe trabalhadora (“de pé no chão”), o que se associa à imaginação material da terra.

de modo prévio a noção de consciência concebida por Freire, pois é justamente na dimensão consciencial que se situa o ponto de conexão entre o método Paulo Freire e a noção bachelardiana de imaginação material. Nesse sentido, cabe acentuar que a conscientização e a emancipação social promovidas por Freire partiam de reflexões sobre a concretude das relações sociais, políticas e históricas dos alunos. Tais reflexões utilizavam, por seu turno, imagens comuns ao cotidiano dos educandos, de maneira que o processo freireano de alfabetização tinha um teor essencialmente imagético.

A fim de retomar a abordagem sobre o caráter ativo e criador da imaginação material, tal como concebida por Bachelard, vale enfatizar que é possível situar o método Paulo Freire no âmbito da imaginação material da palavra. Isso significa dizer que Paulo Freire, ao propor não somente o aprendizado das palavras e frases mas também a apreensão do sentido nelas contido, com base nas práticas de debates e discussões sobre a dureza do ofício e do cotidiano dos alfabetizandos, tomadas como metodologia pedagógica, trabalha de modo ativo com a imaginação material dos alunos, trazendo-os para um *modus operandi* de aprendizado mediante imaginação ativa, cujo “vetor epistemológico” vai “do real ao racional” (BACHELARD, 1974). Em outras palavras, da mesma maneira que o conhecimento humano se constrói a partir da confrontação entre saberes e teorias que precedem o contato com a concretude empírica, uma vez estabelecido tal contato, o vetor se inverte, pois os conceitos se transformam no retorno à instância racional, sendo ressignificados e abordados de modo diverso. Eis aqui um forte ponto de confluência entre Freire e Bachelard: a epistemologia dialética. Com efeito, o processo de construção do conhecimento, entendido com base nos pressupostos do pensamento dialético, se desenvolve por meio de relações tensas entre teoria e prática, entre racionalidade cognitiva e experiência sensível, entre saberes teóricos e saberes empíricos, que se articulam, na confluência ou na dissonância epistêmica, para forjar um novo estágio de conhecimento sobre um dado fenômeno ou realidade (LEFEBVRE, 1975).

Tal interpretação se torna mais clara, quando se constata que, nas experiências de alfabetização de adultos desenvolvidas por Freire, eram

valorizados não somente os fonemas e sílabas, mas também as imagens materiais, seus significados intrínsecos e a relação destes significados com o cotidiano. Esse método favorecia a promoção de reflexões importantes, que visavam aumentar o universo vocabular dos alfabetizandos e, ao mesmo tempo, neles suscitar um processo de reflexão crítica e de conscientização coletiva sobre a situação de vulnerabilidade em que se encontravam, suas razões estruturais e as formas de superação daquele quadro adverso (GADOTTI, 1996; FREIRE, 2006; HADDAD, 2019; CARNEIRO; ARAÚJO, 2021).

Nessa direção, cabe ainda ressaltar que a linguagem poética, ou seja, a linguagem metafórica própria das imagens materiais é largamente utilizada no método Paulo Freire como elemento facilitador do processo contínuo de aprendizagem e de desenvolvimento da consciência, tratado por Freire como leitura do mundo. A leitura do mundo corresponde ao processo a partir do qual, em contato com a realidade concreta e com as relações desiguais estabelecidas entre os indivíduos e os grupos sociais, é possível assimilar o sentido das relações políticas, históricas e sociais. Tal compreensão, para Freire, é sem dúvida mediada pelo uso das palavras e pela capacidade de leitura, mas sobretudo, na medida em que os símbolos e signos contidos nos textos produzem significados, por aqueles que conseguem efetuar a leitura dos contextos que os abrangem. Assim, lidos texto e contexto, opera-se, de maneira dialética, a ressignificação de conceitos, frases, expressões e palavras, o que configura a dialeticidade entre leitura do mundo e leitura da palavra (FREIRE, 1982). A esse respeito, segundo Beck (2016), o método Paulo Freire, que proporciona o desenvolvimento desse referido processo dialético de construção de saberes, assume certas características:

O método Paulo Freire de alfabetização é dividido em três etapas: investigação, tematização e problematização. Na etapa de investigação, aluno e professor buscam, no universo vocabular do aluno e da sociedade onde ele vive, as palavras e temas centrais de sua biografia. Em Angicos, foram escolhidas uma média de 410 palavras, que foram descobertas através do bate-papo com os futuros aprendizes. Com isso, uma equipe de educadores define quais são as palavras geradoras. Na segunda etapa, a de tematização, eles codificam e

decodificam esses temas, buscando o seu significado social, tomando assim consciência do mundo vivido pelos alunos. É nesse momento que os educadores fazem associação das palavras com alguma situação cotidiana, conhecida por todos. Exemplo: A palavra 'feira' era acompanhada de uma imagem com uma mulher indo comprar 'milho', assim os estudantes associavam as palavras com algo que era comum para eles (a compra de milho na feira). E no final, a etapa de problematização, aluno e professor buscam superar uma primeira visão mágica por uma visão crítica do mundo, partindo para a transformação do contexto vivido (BECK, 2016, p. 3).

Enfim, pode-se afirmar que o método de alfabetização formulado por Paulo Freire está claramente associado à noção de imaginação material da palavra. Tal método estrutura-se em etapas que levam não somente à concretização das representações de mundo dos sujeitos, imagens materiais a que os educandos são confrontados durante o processo de alfabetização, mas também à conscientização coletiva acerca de suas condições concretas de existência, bem como à necessidade de pensar, também coletivamente, as formas de superá-las. Portanto, tal método representa uma promissora semente de transformação social, não apenas pela inclusão de grandes contingentes de excluídos no mundo letrado, mas principalmente pela reflexão que neles provoca sobre os problemas de sua realidade e sobre a compreensão que neles suscita de que aquelas adversidades podem ser superadas mediante ações coletivas e organizadas.

TEXTO (IN)ACABADO PARA UM MUNDO (POR)VIR

Ao longo do caminho percorrido neste trabalho, vários elementos teórico-metodológicos, epistemológicos, biográficos e históricos foram discutidos, tendo como "centro de gravidade" - para utilizar aqui uma imagem material metafórica do elemento terra - as poéticas freireana e bachelardiana, em especial a categoria imaginação material da palavra, cujo cerne em nível epistemológico é, a um só tempo, psicanalítico, linguístico, poético e filosófico.

Importa também salientar uma característica importante deste estudo, que ora provisoriamente se conclui: ao seguir uma abordagem que aposta na confluência entre Paulo Freire e Gaston Bachelard, torna-se indispensável assumir que a incompletude do devir existencial humano, tão bem trabalhado em Freire e em Bachelard, não permite que as ideias aqui declinadas sejam tomadas como verdades absolutas, prontas e acabadas. De modo algum. Em uma visão existencialista freireana, assim como o homem transforma o mundo e nele se transforma pela via do diálogo e da conscientização, é justamente em uma perspectiva crítico-reflexiva que este artigo se apresenta. Em outras palavras, como decorrência de um estudo que visa a suscitar questionamentos e polêmicas, em vez de enunciar dogmas ou respostas conclusivas. Insinua-se aqui a noção bachelardiana de verdade circunstancial, que estampa em letras garrafais a impossibilidade de certezas ou formulações definitivas no processo de construção do conhecimento humano.

Conforme pudemos apontar, Paulo Freire e Gaston Bachelard têm vários pontos de conexão em seus constructos teóricos e epistemológicos, conquanto seus objetos de estudo, contexto cultural e origem social sejam muito distintos. Contudo, para além das interfaces conceituais, há que se destacar um traço marcante em ambos os pensadores: o antiacademicismo.

De fato, em sentido semelhante ao que se pode depreender do pensamento de Freire, quando ressaltou que o trabalho docente implica permanentemente buscar, indagar, pesquisar, conhecer o que ainda não se conhece, dissociando o professor da ideia de alguém situado em algum pedestal de saberes completos e nobres, Bachelard defendia que o pesquisador, o cientista e o filósofo, ao invés de se identificar com o arquétipo do nobre ou do sábio, nada mais seriam do que o resultado, em cada época, do processo pedagógico de constituição de um conjunto de “trabalhadores da prova” (GADOTTI, 1996; BACHELARD, 2004a; BACHELARD, 2004b).

Ao aproximar o método de alfabetização e o conceito de leitura do mundo elaborados por Freire do conceito de imaginação material formulado por Bachelard, foi possível compreender que a ação político-pedagógica

freireana incide de maneira decisiva no processo de emancipação humana. Ao fazê-lo, não apenas amplia os aspectos técnicos e pedagógicos ligados ao domínio da leitura e da escrita pelos sujeitos, mas também estimula as potências criadoras da imaginação humana, a partir do que chamamos aqui de imaginação material da palavra.

Sem dúvida, esse legado, que se destina especialmente aos mais humildes, ofendidos e vulnerabilizados, está vivo e forte, pulsando em mentes inconformadas e em corações militantes. Além disso, está traduzido em publicações que permitem, notadamente aos educadores de hoje, sonhar e tornar concreta uma ação pedagógica transformadora, capaz de aprofundar nos educandos as possibilidades de (re)leituras do mundo. Dito de outra forma, uma pedagogia que estimule a imaginação material da palavra, fazendo com que seja possível “esperançar” por um mundo menos desigual, livre de preconceitos e mais criativo.

Por último, mas nem por isso menos importante, vale repisar que a obra de Paulo Freire está para além do aprendizado e da aplicação de modelos didáticos prontos e acabados: trata-se da (re)construção da visão de mundo dos educandos, a partir do estímulo à imaginação material desses sujeitos como elemento potencializador de sua emancipação, advinda dos processos de conscientização, crítica e mudança da realidade em que estão inseridos.

Eis aqui um lindo encontro entre a educação libertária de Paulo Freire e a epistemologia dialética de Gaston Bachelard, motivação original do presente texto.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alberto Filipe; TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário. *Letras de Hoje*, v. 44, n. 4, out./dez. 1999.

BACHELARD, Gaston. *O racionalismo aplicado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1974.

BACHELARD, Gaston. *O novo espírito científico*. Lisboa: Edições Setenta, 1996.

BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios do repouso*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

BACHELARD, Gaston. *Ensaio sobre o conhecimento aproximado*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004b.

BACHELARD, Gaston. *O pluralismo coerente da química moderna*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

BECK, Caio. Método Paulo Freire de alfabetização. *Andragogia Brasil*. Publicado em 28/03/2016. Disponível em: <https://andragogiabrasil.com.br/metodo-paulo-freire-de-alfabetizacao/>

BULCÃO, Marly. Bachelard: a noção de imaginação. *Reflexão*, v. 28, n. 83/84, jan./dez. 2003.

CARNEIRO, Waldeck (org.). *Diálogos com Paulo Freire: tributo ao centenário do Patrono da Educação Brasileira*. Niterói: Nitpress, 2021.

CARNEIRO, Waldeck; ARAÚJO, Flavia Monteiro de Barros. Formação de professores da educação de jovens e adultos: nexos entre o conceito de capital cultural e a crítica à educação bancária. In: CARNEIRO, Waldeck (org.). *Diálogos com Paulo Freire: tributo ao centenário do Patrono da Educação Brasileira*. Niterói: Nitpress, 2021.

ESTEBAN, Maria Teresa. *O que sabe quem erra? Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar*. 2ª ed. Petrópolis: DPetAlli, 2013.

FREIRE, Ana Maria Araújo. *Paulo Freire: uma história de vida*. Indaiatuba: Vila das Letras, 2006.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1982.

GADOTTI, Moacir (org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 1996.

HADDAD, Sérgio. *O educador: um perfil de Paulo Freire*. São Paulo: Todavia, 2019.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LEFEBVRE, Henri. *Lógica formal, lógica dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MARTINS, André. O ensino do conceito de tempo: contribuições históricas e epistemológicas. (Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências - Física). São Paulo, Universidade de São Paulo, 1998.

MELO, Rayane de Jesus. Epistemologia de Bachelard, Kuhn e Fourez e uma possível articulação com o ensino de ciências. *Cadernos de Pesquisa* (UFSCar), v. 15, n. 32, maio/ago. 2021.

PAIVA, Vanilda. *Paulo Freire e o nacionalismo desenvolvimentista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

REA, Silvana. Os caminhos da imaginação material. *Ide*, v. 32, n. 49, dez. 2009.

SANTOS, Pablo Silva Machado Bispo dos. *Princípios da metaciência social*. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

SANTOS, Pablo Silva Machado Bispo dos. A poética freireana em diálogo com Gaston Bachelard: leitura do mundo e imaginação da palavra. In: CARNEIRO, Waldeck (org.). *Diálogos com Paulo Freire: tributo ao centenário do Patrono da Educação Brasileira*. Niterói: Nitpress, 2021.

Recebido em: 25/04/2023

